



XXXV ENCONTRO ESTADUAL DE GEOGRAFIA “A  
DIVERSIDADE DA GEOGRAFIA E A GEOGRAFIA DA  
DIVERSIDADE NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO  
XXI” Erechim-RS, 12 a 14 de outubro de 2018

## INTRODUÇÃO ÀS BASES DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO BRASILEIRO

Darlan Fabiane<sup>1</sup>

### RESUMO

A história do pensamento geográfico tem sua origem na Mesopotâmia e na Grécia. Os mesopotâmios produziram o primeiro mapa e os gregos desenvolveram os conceitos básicos da Cartografia. A Geografia, criada por Estrabão, adquire o *Status* de ciência a partir das contribuições alemãs, passando a ser estudada de forma distinta na Alemanha, na França e nos Estados Unidos da América. A escola geográfica francesa serve de base para a Geografia produzida no Brasil, pois a criação dos primeiros cursos universitários em São Paulo e no Rio de Janeiro foi orientada por professores franceses. É na década de 1930 que a Geografia brasileira ganha destaque com a criação dos cursos de Geografia da Universidade de São Paulo e da Universidade do Distrito Federal. Esta década também originou a criação da Associação dos Geógrafos Brasileiros, em 1934, e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, em 1938. O texto, produzido a partir de uma revisão bibliográfica, teve por objetivo identificar e apresentar ao leitor acontecimentos, autores e obras que constituem as principais bases da história do pensamento geográfico.

**Palavras-Chave:** História do Pensamento Geográfico. Geografia. Geografia Brasileira.

### INTRODUÇÃO

O conhecimento da história dos homens permite um melhor entendimento do comportamento destes nos dias atuais. Tais homens produzem representações e explicações para os fenômenos que vivenciam e este conhecimento vai sendo aperfeiçoado no decorrer do tempo. Surgem novas ideias, mas também mudanças nas representações e explicações já produzidas.

A ciência geográfica possui um histórico de pensadores com suas representações e explicações relativas ao espaço geográfico e o conhecimento desta história contribui para o entendimento da ciência atual. Neste sentido, é o desejo de saber como tudo começou, e

---

<sup>1</sup>Licenciado em Geografia pela Universidade Federal da Fronteira Sul; E-mail: [darlanfabian@bol.com.br](mailto:darlanfabian@bol.com.br).

Realização:





XXXV ENCONTRO ESTADUAL DE GEOGRAFIA “A  
DIVERSIDADE DA GEOGRAFIA E A GEOGRAFIA DA  
DIVERSIDADE NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO  
XXI” Erechim-RS, 12 a 14 de outubro de 2018

como chegou até os dias atuais, a ideia deste texto. Trata-se, portanto, de apresentar o que é mais básico para a Geografia, em umas poucas páginas.

O objetivo do trabalho consistiu em identificar e apresentar os principais eventos, autores e obras que marcaram a história da ciência geográfica e, mais especificamente, a história da Geografia acadêmica desenvolvida no Brasil. O artigo possui três partes distintas, sendo indicado principalmente aos que estão dando seus primeiros passos na Geografia acadêmica.

A metodologia utilizada foi a pesquisa exploratória descritiva, cujo procedimento principal envolveu a pesquisa bibliográfica. O estudo baseou-se em trabalhos de autores renomados na Geografia, sobretudo professores ligados às duas primeiras faculdades de Geografia brasileiras.

## O PENSAMENTO GEOGRÁFICO INICIAL

A história da civilização ocidental aponta a Mesopotâmia e a Grécia como berços do pensamento geográfico. Foram os mesopotâmios, mais especificamente os sumérios, que produziram o primeiro mapa de que temos notícia. O mapa de Ga-Sur foi confeccionado em argila cozida e representava o vale onde corre o rio Eufrates, na Mesopotâmia. (ALMANAQUE ABRIL 2010, 2009).

Na Grécia Antiga houve grande desenvolvimento do pensamento humano em diversos assuntos e dentre os filósofos gregos estão vários nomes que contribuíram com a Geografia: Anaximandro de Mileto fez o primeiro mapa marítimo, Eratósteles calculou a circunferência da Terra e desenvolveu um sistema de coordenadas com latitudes e longitudes, Heródoto viajou pelo mundo antigo e descreveu os locais por onde passou, Dicaarco propôs a divisão do planeta em hemisfério norte e hemisfério sul. (BECKER, 2006).

Realização:





XXXV ENCONTRO ESTADUAL DE GEOGRAFIA “A  
DIVERSIDADE DA GEOGRAFIA E A GEOGRAFIA DA  
DIVERSIDADE NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO  
XXI” Erechim-RS, 12 a 14 de outubro de 2018

Ruy Moreira enfatiza a importância do pensador grego Estrabão na capa de seu livro: “Estrabão, ao criar a geografia no século I, apresentou-a como um saber comprometido com a construção de um mundo centrado na felicidade e na vida do homem”. (MOREIRA, 2012, capa).

Fora da Grécia, até o século XV, o conhecimento geográfico se caracteriza principalmente pelos relatos de viajantes, sobretudo, árabes como Al-Idrisi e Ibn Batutah<sup>2</sup>. Os árabes também foram importantes no estudo dos astros e na conservação de textos antigos, que assim puderam chegar ao nosso conhecimento. (LENCIONI, 2003).

Com as navegações portuguesas, por volta do século XV, os estudos de Astronomia e Cartografia tornam-se necessários para orientar os navegadores. “Na região do Algarve, próximo à ponta de Sagres, dom Henrique reuniu um grupo de estudiosos, como astrônomos, cartógrafos e pilotos, para desenvolver estudos náuticos necessários às expedições marítimas. Era a chamada Escola de Sagres”. (BECKER, 2006, p. 44). A Escola de Sagres foi um marco importante para o desenvolvimento da cartografia.

Outro destaque do século XVI é o trabalho do geógrafo e matemático holandês Mercator. Segundo Lucci (1982, p. 11), Mercator “[...] criou o sistema de projeção cilíndrica que nos dá uma das melhores e mais comuns formas de representação da Terra: o mapa-múndi ou planisfério”. O mapa de Mercator constitui mais um avanço na cartografia, permitindo novas representações e compreensões geográficas do mundo.

É na Alemanha do século XVIII que surge a Geografia como campo/área do conhecimento, sendo Immanuel Kant (1724-1804) o primeiro a ensiná-la no meio acadêmico. Neste tempo a Geografia é um conjunto de conhecimentos empíricos relativos ao mundo físico traduzidos na forma de paisagens que constituíam uma ampla corografia. (MOREIRA, 2010).

Moreira (2010) entende que Kant não provoca transformações significativas na Geografia, mas prepara o terreno para que Ritter e Humboldt a transformem em uma

<sup>2</sup> Mais informações sobre os árabes podem ser encontradas em: BRANDÃO, Paulo Roberto Baqueiro. Devotos, sábios e viajantes: os geógrafos do mundo islâmico medieval. **Geografia, ensino & pesquisa: produção do espaço e dinâmica regional**. Santa Maria, v. 22, p. 1-16, 2018.

Realização:





XXXV ENCONTRO ESTADUAL DE GEOGRAFIA “A  
DIVERSIDADE DA GEOGRAFIA E A GEOGRAFIA DA  
DIVERSIDADE NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO  
XXI” Erechim-RS, 12 a 14 de outubro de 2018

ciência. Os trabalhos de Kant, Humboldt e Ritter constituem a base da ciência geográfica, sendo a partir de Alexander Von Humboldt (1769-1859) e Karl Ritter (1779-1859), que se inaugura uma Geografia com viés científico.

## A GEOGRAFIA SISTEMATIZADA

Impulsionada por Humboldt e Ritter, a Geografia se desenvolve, principalmente, em duas escolas: a Escola Alemã que tem como principal expoente Friedrich Ratzel<sup>3</sup> (1844-1904) e a Escola Francesa centrada na figura de Paul Vidal de La Blache<sup>4</sup> (1845-1918). Ratzel se destaca pelas teorias do espaço vital e do determinismo geográfico, enquanto La Blache desenvolve a teoria do possibilismo geográfico.

Segundo Becker (2006, p. 59): “O espaço vital representa uma proporção de equilíbrio entre uma população de uma dada sociedade e os recursos disponíveis para suprir suas necessidades, definindo assim suas necessidades de progredir e suas premências territoriais”. Com esta teoria, Ratzel justifica o desejo de expansão territorial dos alemães.

Quanto ao determinismo e ao possibilismo geográficos, são teorias que procuram entender a relação homem-meio. Para Ratzel<sup>5</sup>, o homem é um ser passivo que tem suas características definidas pelo meio onde vive, ou seja, o nível de desenvolvimento de uma sociedade é determinado pelas características do meio onde ela está inserida. Já no entendimento de La Blache, existe uma interação entre o homem e o meio a partir da qual se moldam as sociedades, ou seja, o homem é um ser ativo. (BECKER, 2006).

A Escola Norte-Americana é representada, sobretudo, por Richard Hartshorne<sup>6</sup> (1899-1992). Este autor, influenciado pelo geógrafo alemão Alfred Hettner (1859-1941),

<sup>3</sup> Outros nomes importantes na Geografia Alemã: Richtofen, os Penck (pai e filho), Passarge, Troll, Schlütter e Hettner.

<sup>4</sup> Também importantes para a Geografia Francesa: Reclus, Malte-Brun, Sorre, George e Lacoste.

<sup>5</sup> Moraes (2007) afirma que o conceito simplista de “determinismo geográfico” foi desenvolvido pelos discípulos de Ratzel. Ratzel teria considerado as influências do meio no comportamento humano, mas não teria dado tanta ênfase.

<sup>6</sup> Outro nome importante para a Geografia Norte-Americana foi Carl Sauer (1889-1975).

Realização:





XXXV ENCONTRO ESTADUAL DE GEOGRAFIA “A  
DIVERSIDADE DA GEOGRAFIA E A GEOGRAFIA DA  
DIVERSIDADE NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO  
XXI” Erechim-RS, 12 a 14 de outubro de 2018

divide a Geografia em: Geografia Idiográfica (regional) e Geografia Nomotética (geral). Na definição de Becker (2006, p. 68-69), a primeira seria uma Geografia “[...] singular (de um só lugar), porém exaustiva (apreender vários elementos) o que levaria a um conhecimento profundo de determinado local”. A segunda seria uma Geografia “[...] generalizadora, apesar de parcial, fazendo análises tópicas e comparativas em vários lugares”.

Hartshorne é autor da teoria do racionalismo geográfico ou da Geografia Racionalista. De acordo com Moraes (2007, p. 95): “O fato de se denominar racionalista esta corrente advém de sua menor carga empirista, em relação às anteriores”. Para Becker (2006), Hartshorne é o geógrafo que faz a transição entre a Geografia Tradicional e as geografias posteriores.

A Geografia Tradicional ou Geografia Clássica baseava-se nas ideias de Augusto Comte (1798-1857) e no método positivista, um método onde a observação dos fatos/fenômenos era a única forma de conhecer a verdade. (BECKER, 2006). Esta Geografia vai ser substituída pelas geografias posteriores a partir da metade do século XX quando surgem duas linhas de pensamento principais: a Geografia Crítica e a Geografia Pragmática. (MORAES, 2007).

Na década de 1930, quando a Geografia Clássica está quase sendo superada, vêm ao Brasil dois geógrafos franceses que vão formar base do pensamento geográfico brasileiro. Deffontaines vai ser ao criador dos cursos universitários em São Paulo e no Rio de Janeiro e Monbeig vai influenciar a formação dos primeiros geógrafos da academia paulista.

## AS BASES DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO BRASILEIRO

A criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e da Sociedade Brasileira de Geografia (SBG) ocorre no século XIX, respectivamente, 1838 e 1883, mas é

Realização:





XXXV ENCONTRO ESTADUAL DE GEOGRAFIA “A  
DIVERSIDADE DA GEOGRAFIA E A GEOGRAFIA DA  
DIVERSIDADE NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO  
XXI” Erechim-RS, 12 a 14 de outubro de 2018

a partir da terceira década do século XX que a Geografia se torna um ramo do conhecimento realmente importante no contexto nacional.

Nomes importantes para a gênese da Geografia brasileira são Manuel Aires de Casal, Carlos Delgado de Carvalho, os professores franceses Pierre Monbeig e Pierre Deffontaines, Francis Ruellan e Leo Waibel. (MOREIRA, 2009).

Aires de Casal era português e atuava no Rio de Janeiro com Capelão. Produziu, no início do século XIX, uma obra intitulada “A corografia brasílica”, na qual reúne informações e dados do Brasil daquela época. (MOREIRA, 2009).

Delgado de Carvalho dividiu o Brasil nas regiões: Meridional, Central, Setentrional, Oriental e Norte-oriental, sendo esta divisão de 1913 a base da regionalização do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)<sup>7</sup> produzida no ano de 1941. Carvalho também escreveu “Metodologia do ensino geográfico”, em 1925, e no ano de 1935 tornou-se professor de Geografia Humana na Universidade do Distrito Federal (UDF). (MOREIRA, 2009).

Deffontaines chegou ao Brasil no ano de 1934 e foi responsável pela criação dos cursos de Geografia na Universidade de São Paulo (USP) e na UDF. Também atuou na criação da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) e do Conselho Nacional de Geografia (CNG). Voltou para a França no ano de 1938, deixando algumas obras como “Geografia humana do Brasil”<sup>8</sup>, obra onde apresenta o quadro natural, a relação homem-natureza e os aspectos econômicos do Brasil, nesta sequência.

Monbeig chegou ao Brasil em 1935 para trabalhar na USP quando Deffontaines foi para o Rio de Janeiro. Presidiu a AGB e atuou na criação do CNG. Ficou no Brasil até 1946 e produziu várias obras. No entendimento de Ruy Moreira (2009, p. 33), “[...] é Monbeig quem traça o perfil da primeira geração de geógrafos de São Paulo, muitos dos quais vão substituí-lo na USP quando regressa a seu país”. Uma de suas obras é “Pioneiros

<sup>7</sup> Mais informações sobre o IBGE podem ser encontradas em: SENRA, Nelson de Castro. **Tradição & renovação**: uma síntese da história do IBGE. 2. ed. Rio de Janeiro: IBGE, Centro de Documentação e Disseminação de Informações, 2017.

<sup>8</sup> Publicada na Revista Brasileira de Geografia (RBG) de 1939, em forma de livro no ano de 1952 e na RBG, volume 50, número especial, no ano de 1988.

Realização:





XXXV ENCONTRO ESTADUAL DE GEOGRAFIA “A  
DIVERSIDADE DA GEOGRAFIA E A GEOGRAFIA DA  
DIVERSIDADE NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO  
XXI” Erechim-RS, 12 a 14 de outubro de 2018

e fazendeiros de São Paulo”, em que aborda o quadro físico, a epopeia do povoamento e o quadro atual de São Paulo.

Ruellan veio ao Brasil no ano de 1940 e trabalhou na UB e no IBGE. Seus trabalhos estiveram relacionados à Geomorfologia, escrevendo obras como “Evolução geomorfológica da baía de Guanabara e das regiões vizinhas”, publicada na Revista Brasileira de Geografia (RBG) de 1944, e “O escudo brasileiro e dobramentos de fundo”, em 1953. A primeira das duas obras foi republicada na RBG, volume 50, número especial, no ano de 1988.

Waibel veio para o Brasil no ano de 1946. Trabalhou no IBGE e seus estudos foram direcionados para a Geografia Agrária. Produziu vários textos que foram transformados em livro no ano de 1958, cujo título era “Capítulos de geografia tropical e do Brasil”. Em 1949, a RBG publicou “Princípios da colonização europeia no sul do Brasil”, obra republicada na RBG de 1988 como um dos textos clássicos da Geografia.

A criação dos cursos universitários, da AGB, do CNG, do IBGE e o estabelecimento de normas para o ensino básico da disciplina vão consolidar a Geografia no país. Para Antunes (2008, p. 32), “a criação dessas instituições se coloca como estratégia utilizada na busca da cientificidade, da legitimidade e da inserção da profissão na modernidade. Tais atos, interligados, rapidamente conformam uma comunidade de geógrafos no país”.

Esta fase de consolidação da Geografia brasileira tem seu reconhecimento a nível internacional no ano de 1956, com a efetivação do congresso da União Geográfica Internacional (UGI). O evento ocorreu no Rio de Janeiro e mobilizou geógrafos de diversas instituições para a produção de obras que apresentassem o Brasil ao mundo<sup>9</sup>.

Dentre a comunidade de geógrafos brasileiros, Moreira<sup>10</sup> (2016) destaca os trabalhos de Josué de Castro, Aziz Ab’Sáber, Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, Bertha Becker, Milton Santos, Horieste Gomes e Armando Corrêa da Silva. Estes sete

<sup>9</sup> Informações sobre as obras produzidas e apresentadas no congresso: ver Moreira (2009).

<sup>10</sup> Mais autores importantes para a Geografia brasileira em: MACHADO, Mônica Sampaio; MARTIN, André Roberto (orgs.). **Dicionário dos geógrafos brasileiros**. v. 1, Rio de Janeiro: 7Letras, 2014.

Realização:





XXXV ENCONTRO ESTADUAL DE GEOGRAFIA “A  
DIVERSIDADE DA GEOGRAFIA E A GEOGRAFIA DA  
DIVERSIDADE NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO  
XXI” Erechim-RS, 12 a 14 de outubro de 2018

autores seriam os principais responsáveis pela continuidade do pensamento geográfico brasileiro na segunda metade do século passado.

Em “Geografia da fome”, Castro afirma existirem duas formas de fome: a forma coletiva e a forma individual, gerando como consequência a desnutrição e a inanição, respectivamente. O autor identifica cinco áreas de fome presentes no território brasileiro e apresenta sua teoria biominerossocial, na qual solos pobres geram plantas e animais com deficiências nutricionais e, conseqüentemente, populações mal alimentadas.

Na obra “Domínios de natureza no Brasil”, Ab’Sáber relaciona as paisagens de hoje com o tempo geológico e as alterações ambientais sucessivas. É a teoria dos redutos-refúgios através da qual o autor explica, por exemplo, a existência de paisagens atuais herdadas de um passado de clima árido juntamente com outras herdadas de um clima úmido. Eventos do Quaternário, sobretudo do Holoceno, são relacionados com as formas paisagísticas remanescentes encontradas nos dias atuais.

“Teoria e clima urbano” é um trabalho onde Monteiro faz distinção entre o conceito de clima geográfico e clima meteorológico. Para ele, a Geografia estuda os eventos climáticos da camada atmosférica mais próxima da superfície terrestre. É a teoria do tempo pulsional do clima, ou seja, o autor estuda o tempo relacionado com a vida humana. O clima da cidade é um clima local estudado em sua relação com a vida biológica.

Em “Geopolítica da Amazônia”, Becker teoriza a renovação periférica do centro, uma teoria baseada no desenvolvimento polarizado de J. Friedmann. Para esta autora, a sociedade brasileira teve, a partir da revolução industrial, uma relação de trocas centro-periferia que gerou um desenvolvimento regional desigual. Exemplo disso é a relação entre a região sudeste e as outras regiões brasileiras. Nesta relação assimétrica, a dependência e o uso dos recursos da periferia são organizados pelo centro polarizador.

Santos escreve “A natureza do espaço”, apresentando o espaço como um sistema de objetos que é produto da técnica. Desenvolve a teoria do tempo-espacial. Para este autor, o espaço só existe a partir da data em que a técnica o cria e os diferentes graus técnicos

Realização:







XXXV ENCONTRO ESTADUAL DE GEOGRAFIA “A  
DIVERSIDADE DA GEOGRAFIA E A GEOGRAFIA DA  
DIVERSIDADE NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO  
XXI” Erechim-RS, 12 a 14 de outubro de 2018

fazem com que o espaço geográfico se apresente, no tempo, nas formas de um meio natural, mecânico ou técnico-científico-informacional.

“Reflexões sobre teoria e crítica em Geografia” é um trabalho onde Gomes conceitua o meio geográfico como uma relação espacial sociedade-natureza. Em sua teoria espaço-tempo dialético, afirma existir uma reciprocidade entre espaço e tempo sendo que o espaço é o tempo e o tempo é o espaço e ambos expressam o movimento da matéria.

Em “Geografia e lugar social”, Silva afirma que a Geografia trabalha com o movimento de articulação entre o social e o natural. Ele teoriza a geossociabilidade do ser do homem: sendo um ser natural, na medida em que busca a satisfação de suas necessidades, torna-se um ser social. O lugar geográfico é o lugar social que concretiza a geossociabilidade do homem.

Os sete autores apresentados acima exemplificam a produção geográfica brasileira pós-gênese mais característica. Além destes nomes existem outros que deram sua contribuição, entretanto são estes autores juntamente com Delgado de Carvalho, Deffontaines, Monbeig, Ruellan e Waibel que constituem a configuração básica do pensamento geográfico brasileiro.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento de conceitos básicos de localização e produção de mapas constituem aspectos marcantes do pensamento geográfico inicial, sendo que a Geografia criada por Estrabão só vai adquirir o *Status* de ciência a partir das contribuições de Humboldt, Ritter e La Blache.

A Geografia brasileira ganhou destaque na década de 1930, sobretudo pela atuação de Monbeig e Deffontaines, configurando assim uma Geografia de matriz francesa. A vinda de geógrafos franceses permitiu a criação dos cursos de Geografia na USP e na UDF, além da criação da AGB e do IBGE.

Realização:





XXXV ENCONTRO ESTADUAL DE GEOGRAFIA “A  
DIVERSIDADE DA GEOGRAFIA E A GEOGRAFIA DA  
DIVERSIDADE NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO  
XXI” Erechim-RS, 12 a 14 de outubro de 2018

De um modo geral, os trabalhos dos geógrafos que atuaram no Brasil nas décadas de 1930 e 1940 constituem uma Geografia de síntese na qual os autores escrevem sobre temas variados. Já a partir da década de 1950 desenvolve-se no Brasil uma Geografia setorializada onde cada autor vai direcionar seus estudos para um ramo específico da ciência geográfica.

Pelos fatos, autores e obras elencados aqui de forma resumida, juntamente com as referências e notas de rodapé, espera-se contribuir para um melhor entendimento da ciência geográfica e da Geografia brasileira atual, podendo distinguir as ideias originais das que são recorrentes.

## REFERÊNCIAS

ALMANAQUE ABRIL 2010. Geografia/mundo/atlas. **Infográfico**. São Paulo: Abril, 2009, p. 334-335.

ANTUNES, Charles da França. **A Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) – origens, idéias e transformações**: notas de uma história. 2008. 310 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008.

BECKER, Elsbeth Léia Spode. **História do pensamento geográfico**. Santa Maria: Unifra, 2006.

LENCIONI, Sandra. **Região e Geografia**. São Paulo: Edusp, 2003.

LUCCI, Elian Alabi. **Geografia Econômica**: O quadro político, humano e econômico do Brasil e do mundo. 8. ed. São Paulo: Saraiva, 1982.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Geografia**: pequena história crítica. 21. ed. São Paulo: Annablume, 2007.

Realização:





XXXV ENCONTRO ESTADUAL DE GEOGRAFIA “A  
DIVERSIDADE DA GEOGRAFIA E A GEOGRAFIA DA  
DIVERSIDADE NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO  
XXI” Erechim-RS, 12 a 14 de outubro de 2018

MOREIRA, Ruy. **O pensamento geográfico brasileiro 1: as matrizes clássicas originárias**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

\_\_\_\_\_. **O pensamento geográfico brasileiro 2: as matrizes da renovação**. São Paulo: Contexto, 2009.

\_\_\_\_\_. **O pensamento geográfico brasileiro 3: as matrizes brasileiras**. (2. reimpr.). São Paulo: Contexto, 2016.

\_\_\_\_\_. **O que é Geografia**. 2. ed. (2. reimpr.), São Paulo: Brasiliense, 2012.

Realização:

